

ARTIGO

CUBA E A ESQUERDA URUGUAIA: O ENCONTRO DA OLAS (ORGANIZACIÓN LATINOAMERICANA DE SOLIDARIDAD, 1967) NAS PÁGINAS DE *MARCHA*

CUBA AND THE LEFT IN URUGUAY: THE MEETING OF OLAS (LATIN AMERICAN ORGANIZATION OF SOLIDARITY, 1967) ON PAGES OF *MARCHA*

MARIANA VILLAÇA*

RESUMO

Neste artigo analisamos, por meio de pesquisa do semanário *Marcha*, os conflitos, na esquerda uruguaia, que envolveram a constituição de um comitê nacional para representar o país no I Encontro da *Organización Latinoamericana de Solidaridad* em Cuba, em 1967. Para tanto, abordamos a influência da Revolução Cubana no Uruguai, buscando compreender como seu impacto contribuiu para redimensionar o mapa da esquerda no país. Analisamos particularmente o “cabo de guerra” que se estabeleceu entre o *Partido Comunista Uruguayo* e algumas organizações de esquerda favoráveis à luta armada, não apenas na fase que antecede o evento da OLAS, mas durante o mesmo e nos meses posteriores a sua realização. Nesse conflito, o periódico *Marcha* desempenhou papel ativo, assumindo fortes críticas aos comunistas. O exame desse momento de tensão política contribuiu para compreender historicamente o processo de recrudescimento do autoritarismo no país e as trajetórias de algumas organizações de esquerda a partir de 1967.

PALAVRAS CHAVES: semanário *Marcha*; Revolução Cubana; esquerda uruguaia.

ABSTRACT

In this article we analyze, through research of the weekly *Marcha*, the conflicts in the Uruguayan left, involving the establishment of a national committee to represent the country at the First Meeting of the Organización Latinoamericana de Solidaridad (Cuba, 1967). For this, we discuss the influence of the Cuban Revolution in Uruguay and seek to understand their impact contributed to resize the political left map in the country. We particularly analyze the "tug of war" between the Uruguayan Communist Party and some left organizations radical favored armed struggle not only at the stage prior to the event of OLAS, but during the same and in the subsequent months. In this conflict, the weekly *Marcha* played an active role and issued strong criticisms of communists. The examination of this moment of political tension contributes to historically understand the intensification process of authoritarianism in the country and the trajectories of some leftist organizations since 1967.

KEYWORDS: weekly *Marcha*; Cuban Revolution; Uruguayan Left.

Diversos trabalhos pontuam o impacto da Revolução Cubana sobre as esquerdas latinoamericanas¹. No Uruguai, país que focamos nesse trabalho², o impacto político foi extremamente visível, surtindo também efeito prolongado no meio cultural. Inspirou imediatamente o surgimento de comitês de apoio, por todo o país, e de novas organizações políticas. Uma dessas foi o MRO (Movimiento Revolucionario Oriental), fundado em 21 de abril de 1961 por Ariel Collazo, deputado pelo Partido Nacional, que deixa as fileiras desse Partido após sua primeira viagem a Cuba, no final de 1960. Collazo funda o MRO na data em que se tem a notícia da invasão da Baía dos Porcos, momento em que o governo cubano declara o caráter socialista do regime. Esse novo partido, ainda que não abraçasse a luta armada como saída para o Uruguai, defendendo o surgimento de uma grande frente de esquerda no país, chegou a adotar o documento “II

Declaração de Havana” (divulgado por Fidel Castro em 04/02/1962) como sua “base ideológica”³.

Outra organização política uruguaia surgida nos inícios dos anos 1960 que ilustra esse impacto da Revolução Cubana no país (sem qualquer menosprezo pela crise política e econômica como fator igualmente relevante para a eclosão de novas forças políticas) foi o MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionaria), criado em 1963. Defensor da luta armada, influenciado pelo maoísmo, pelo guevarismo, e composto de muitos universitários que defendiam que os uruguaios deveriam radicalizar suas estratégias de luta, o MIR resultou de uma dissidência do Partido Comunista Uruguayo, particularmente a UJC (Unión de Juventudes Comunistas).

Pouco depois surgiu ainda, no Uruguai, o *Coordinador*, agrupação de militantes de diversas organizações (alguns provenientes do MRO e do MIR), com forte presença de socialistas. Este é considerado o embrião do Movimiento de Liberación Nacional - Tupamaros, constituído formalmente em 1965, e que logo se tornaria o principal grupo guerrilheiro do país⁴. Os “tupas”, como ficaram conhecidos no Uruguai, não se anunciaram publicamente como partido, adotaram uma atuação clandestina mas assumiam em suas publicações que sua orientação era “guevarista”.

Antes disso, todavia, o próprio Partido Comunista Uruguayo adotara uma estratégia de renovação de suas diretrizes (em resposta ao aparecimento do MIR), propondo a FIdEL (Frente Izquierda de Liberación), em 1962, que contaria com a adesão do MIR e do MRO. A

FideL, liderada por nomes do Partido Comunista, não assumia a bandeira da luta armada, mas sustentava a disposição de apoiar a Revolução Cubana e buscar uma via de transformação política no Uruguai contrária a “dogmatismos”. Essa coalizão seria a principal presença uruguaia em Cuba, no I Encontro da OLAS (Organización Latinoamericana de Solidaridad), em 1967, cujas implicações na cena política nacional trataremos mais adiante.

Tanto os comunistas como os entusiastas da luta armada, algumas vezes em conjunto, emitiram manifestos e prestigiaram associações políticas como o *Comité Nacional Coordinador de Apoyo a la Revolución Cubana* (que existiu entre 1960 e 1973) e a *Organización de Profesionales Universitarios Solidarios con la Revolución Cubana* (OPUS)⁵. Se por um lado havia certo consenso de que Cuba merecia apoio, por outro, a luta armada gerava acirradas polêmicas no Uruguai, país cujos cidadãos se orgulhavam de sua tradição laica e democrática, encarando-a como parte da identidade nacional⁶. A adoção da guerrilha como estratégia de luta política e sua viabilidade em um país com condições geográficas muito diferentes das cubanas foram temas que passaram a ser amplamente debatidos. Interpretações do “foquismo” ganharam espaço entre as organizações mais radicais, porém, constatadas as dificuldades em se implantar uma guerrilha rural, a inspiração cubana passou a ser mesclada a experiências de guerrilha urbana de outros países⁷.

Ao longo dos anos sessenta, não apenas a questão da via armada foi incessantemente discutida como ganhou corpo uma acirrada disputa, entre as organizações de esquerda, pela afirmação de seus supostos

vínculos (políticos e ideológicos) com o governo cubano. Para além do valor simbólico que este representava, tal “legitimação” cubana poderia significar prestígio internacional e a possibilidade de assessoria logística, pois, naquele momento de grande romantismo revolucionário, se acreditava que Cuba pudesse se converter numa base de “exportação da revolução” para a América Latina.

Neste artigo, pretendemos nos deter em um momento privilegiado dessa disputa: os embates entre as organizações políticas a respeito de quais delas integrariam o Comitê uruguaio para participar do Encontro da OLAS e assim representar a “vanguarda” da esquerda uruguaia. Nossas principais fontes para tal abordagem foram as edições semanais de *Marcha* entre dezembro de 1966 e dezembro de 1967, período em que se desenvolveu a discussão sobre a constituição do comitê, registrou-se a atuação do mesmo em Cuba e foram publicados testemunhos de seus integrantes ao retornarem ao Uruguai⁸.

Para compreendermos o contexto em que essa disputa se desenrolou e alguns desdobramentos, cabe destacar importantes mudanças na esfera governamental que ocorrem nesse ínterim. Em março de 1967, o Uruguai passou a ser governado pelo general Óscar Gestido, filiado ao Partido Colorado que recentemente voltara ao poder, após um período de predomínio do Partido Nacional. Gestido, no entanto, faleceu em dezembro desse mesmo ano, sendo sucedido por seu vice, Jorge Pacheco Areco. Durante seu breve governo, Gestido decretou, no mês de outubro, *Medidas Prontas de Seguridad* que intensificaram o autoritarismo no país, e foram definidas como “uma forma ilimitada de estado de sitio

sancionada en la Constitución que permitía la suspensión de los derechos de huelga, reunión y expresión”⁹. Antes destas, poderíamos afirmar que no Uruguai ainda havia liberdade democrática e as organizações políticas, bem como o movimento estudantil, não sofriam represálias ostensivas¹⁰. Em dezembro de 1967, alguns jornais foram fechados e várias organizações de esquerda que haviam declarado publicamente apoio à luta armada foram colocadas na clandestinidade. Assim, durante o governo de Pacheco Areco (dezembro/1967 a março/1972), tanto o autoritarismo como a crise político-econômica recrudesceram, acompanhados por uma explosão do movimento estudantil e pela radicalização da oposição.¹¹ Os embates que analisamos em torno da participação do Uruguai no evento cubano se situam principalmente entre junho e novembro de 1967, pouco antes do agravamento da repressão que se evidenciou em dezembro, mas em um período que coincide com o aumento das tensões políticas e o anúncio, por Gestido, das *Medidas Prontas de Seguridad*.

O semanário *Marcha* e a constituição do comitê uruguaio para o Encontro da OLAS

Marcha, semanário de esquerda de grande circulação no Uruguai e fundado em 1939, apresentava, nos anos 1960, uma linha editorial claramente de esquerda, com bandeiras proclamadas contra o imperialismo e pela unidade latino-americana¹². Em seus editoriais, predominava a defesa da democracia. Isso não impedia que o periódico alimentasse certa cultura política comunista, marca da orientação de muitos de seus colaboradores e leitores. Surpreende, ao folhearmos suas

Projeto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.

páginas, a frequência de pequenas chamadas publicitárias convidando o leitor a viajar a Havana¹³; a concorrer a bolsas de estudo em Moscou¹⁴; a assistir palestras sobre a China comunista¹⁵ ou a Alemanha Oriental¹⁶; a prestigiar mostras de cinema soviético¹⁷ entre outros programas claramente voltados à difusão e ao aprofundamento dos laços com o socialismo.

Nota-se, no jornal, inúmeros eventos para comemorar efemérides da Revolução Cubana, muitos realizados pelo MRO, onde era recorrente a exibição de filmes, cubanos¹⁸. Por ocasião dos preparativos para a OLAS, no primeiro semestre de 1967, houve um verdadeiro “boom” de eventos políticos e culturais pró-Cuba¹⁹. O posicionamento de *Marcha* favorável ao governo de Fidel é notório em artigos defendendo a Revolução²⁰ e condenando as represálias ao país²¹, em notas sobre produção cultural da Ilha²². Esta “cubanofilia” se soma e se mescla à difusão da cultura política comunista já mencionada²³, fusão que não se dará dessa maneira na arena política das organizações de esquerdas.

Logo após a realização, em Cuba, da Conferência Tricontinental, em 1966²⁴, na qual a Frente Izquierda de Liberación (FIdeL) representou o Uruguai, os países participantes foram convidados a se organizarem para prestigiar o Encontro da OLAS, no ano seguinte. Já em dezembro de 1966, *Marcha* anunciou uma “mesa redonda pública” da qual participaram a FIdeL, o MIR, a FAU, o PS, e outras organizações menores, a fim de se discutir quem representaria o Uruguai²⁵. Vale esclarecer as razões da ausência, nessa discussão, dos Tupamaros, apesar da visibilidade que vinha adquirindo, com a crescente repercussão de suas ações na imprensa²⁶. Para

preservar a segurança de seus integrantes, a organização não participava de eventos públicos e, a partir de 1967, se reorganizaria internamente, fragmentando-se em “colunas” para se tornar ainda mais invisível.

Partia de Cuba a orientação de que deveriam participar da OLAS as *vanguardas* latino-americanas. Nas entrelinhas, por *vanguardas* deveria se entender: aquelas organizações que encampassem a guerrilha nos moldes cubanos. Não eram necessariamente tais *vanguardas* os partidos comunistas, em grande parte fiéis à perspectiva etapista defendida pelo PCUS²⁷. O governo cubano demarcava, assim, sua posição e pressionava as organizações que ainda não tivessem rompido com a liderança soviética.

A cena da esquerda uruguaia de então era ocupada por mais de uma dezena de organizações²⁸. *Marcha* considerava a FIdel a “maior representante da esquerda” uruguaia²⁹. O periódico demonstrava, assim, em seus editoriais, ser coerente com a defesa do frentismo, bandeira que há muitos anos ostentava em suas páginas³⁰.

Essa tônica esteve presente na reportagem publicada em março de 1967, que atestava que o protagonismo de FIdel, também reconhecido em Cuba, não vinha sendo aceito por algumas organizações, particularmente a FAU (Federación Anarquista Uruguaya), que exigia a ampliação do comitê uruguaio, certamente a fim de que também tivessem assento na OLAS³¹. Em resposta a essa reivindicação, a FIdel afirmava concordar com a ampliação do comitê, conquanto sua liderança fosse confirmada. O resultado desse “cabo de guerra” foi a criação de um comitê que agregou algumas organizações, como o PS, mas deixou efetivamente de fora a FAU³².

Há intensa participação de colaboradores de *Marcha* nesse ciclo de discussões, como Carlos Núñez e Carlos María Gutiérrez (que haviam viajado mais de uma vez a Cuba), Eduardo Galeano (ex-diretor do diário *Época* e um nome que se mostrava cada vez mais frequente em *Marcha*, assinando ensaios de tom anti-imperialista) e Mario Benedetti (escritor uruguaio renomado que já dispensava apresentações e escrevia sobre literatura e latino-americanismo, no semanário).

O MRO também punha-se em campo com “munição pesada” na briga pelo status de quem seria mais “cubanista”. Nesse mesmo número de *Marcha*, de julho de 1967, o partido, além de anunciar o número 2 de sua revista *América Latina*, com artigos de Régis Debray e Che Guevara, convidava o público para sua “Semana de Solidaridad com Cuba y la OLAS”.³³ Também o Partido Socialista (em crise, como o PCU, nesse momento) e algumas de suas dissidências também promoveram cada qual seu evento pró-Cuba, de menor dimensão³⁴, sempre com participação de intelectuais ligados a *Marcha*.

Percebemos, principalmente por parte das organizações políticas mais novas, uma articulação clara no sentido de evitar que o PC dominasse o Comitê, ainda que sua influência na FIdel fosse pública e notória. Por trás dessa briga por espaço político entre a velha e a nova esquerda, havia, naturalmente, a questão da luta armada, assunto premente já há alguns anos, conforme vimos no início desse artigo.

O governo cubano se apercebeu da ampla influência cubana nesse pequeno país sul-americano, potencialmente estratégico tanto pelo expressivo número de organizações de esquerda, como por suas fronteiras

com Brasil e Argentina (países que já exportavam exilados políticos ao Uruguai). Nesse sentido, não chega a avalizar uma organização em particular, mas saúda e apóia a formação e os atos promovidos pelo comitê de solidariedade, o *Comite Nacional Coordinador del Apoyo a la Revolución Cubana*. Adota uma postura “ecumênica”, abraçando, a princípio, as organizações antigas e novas, incluindo o PC. No ato público organizado por este Comitê para a celebração do XIV Aniversario del Asalto al Cuartel Moncada, com participação do grupo teatral uruguaio *El Galpón* (integrado por atores e diretores simpatizantes do PC), houve a presença de uma delegação cubana liderada pelo poeta comunista Nicolás Guillén, o “embaixador cultural” de Cuba.

Em julho de 1967 foi tamanha a profusão de eventos em apoio a Cuba, que o semanário, em seu último número do mês, decidiu publicar um “resumo informativo” de todos os eventos ocorridos ou em andamento, não apenas aqueles organizados por entidades políticas mas também os promovidos no meio cultural, por grupos teatrais, revistas de poesias, músicos e editoras ³⁵.

Essa extensa demonstração dos eventos pró-Cuba não apenas reverberava o entusiasmo coletivo pela Revolução, como também sinalizava a acirrada competição entre as organizações de esquerda pelo posto de “vanguarda” política. Vejamos como o encontro da OLAS se desenrolou, foi registrado pelo jornal uruguaio e apropriado pelas organizações de esquerda.

O “cabo de guerra” entre as esquerdas durante e ao término da OLAS

Marcha enviou oficialmente ao Encontro da OLAS dois jornalistas, Carlos María Gutiérrez e Carlos Núñez, que publicaram relatos sobre os acontecimentos, registrando as tensões e dilemas entre os partícipes, mostrando que o aparente consenso inicial no comitê uruguaio não suplantava as divergências. Ambos fazem críticas às posições do Partido Comunista Uruguayo na OLAS³⁶. Cabe destacar que o presidente desse partido, Rodney Arismendi tinha prestígio em Cuba por sua longa trajetória de militância, havia participado da Tricontinental e era, inclusive, um dos quatro vice-presidentes do Comitê Organizador da OLAS. Suas posições, entretanto, divergiam daquelas da esquerda radical, grupo que era minoritário no comitê uruguaio, porém mais próximo da orientação geral da OLAS.

Segundo Gutiérrez, já no segundo dia do Encontro a delegação uruguaia dividia-se em dois blocos: de um lado, o bloco preponderante, que detinha a maioria numérica, composto pelo PCU e por entidades que ratificavam as posições daquele partido ao integrarem a FIDEL: Agrupación Avanzar, MPU (Movimiento Popular Unitario), APUM (Agrupación Popular Unitaria de Maldonado), e três organismos, segundo o jornalista, “ficticiamente autônomos que el *FIDEL* colocó indebidamente en el Comité Nacional de la OLAS: el Comité Obrero, el Comité Universitario y el Movimiento de Trabajadores de la Cultura”. De outro lado, um bloco minoritário, composto pelo MRO, o Partido Socialista, e

o Grupo Battlista 26 de Octubre, que, no entanto, era mais afinado com a linha pró-guerrilha defendida por Cuba.³⁷

Quatro eixos de discussão foram definidos no encontro: 1) a luta revolucionária anti-imperialista, 2) a ação comum frente a intervenção e penetração do imperialismo “yankee”, 3) a solidariedade latino-americana e 4) a criação estatutária da OLAS. O principal debate derivou do choque entre a bandeira da luta armada imediata, identificada como “via insurrecional” ou “enfrentamento frontal” (posição defendida, no discurso de abertura proferido pelo presidente cubano Osvaldo Dorticós) e a chamada “via política” ou “estratégia gradualista” em geral assumida pelos PCs.³⁸ Gutiérrez definiu esse embate como o “paradoxo” da OLAS, opinando que era preciso convencer as direções comunistas da via insurrecional com o cuidado de não dividir forças, não prescindir de sua colaboração nas “vanguardas revolucionárias” que Cuba procurava estimular e, com alguma pretensão, identificar em cada país³⁹.

Durante a OLAS o governo cubano lançou mão de um “bode expiatório” perfeito para solucionar esse embate, que logo foi apelidado, nos corredores, de conflito entre a posição “*firme*” (pró-guerrilha) e a “*blanda*” (defensora das vias institucionais). Esse “bode” foi o PC venezuelano, acusado de não apoiar o movimento guerrilheiro em seu país, empreendido pela Frente de Liberación Nacional, liderada por Douglas Bravo. Bem antes do início do encontro o caso havia aflorado e, em 13 de março, Fidel Castro anunciara o rompimento entre o governo cubano e esse Partido, resultando na exclusão dessa organização do Encontro da OLAS. Ainda na fase de preparação do encontro, essa

decisão foi criticada por diversas organizações, dentre elas, o Partido Comunista Uruguaio, defensor de que fosse feita uma moção para convidar o Partido Cubano venezuelano a participar do evento. Essa proposta do PCU foi rechaçada dentro do próprio Comitê uruguaio.

Arismendi, buscando uma saída pacificadora entre a opção pela luta armada e a estratégia etapista defendeu na OLAS uma espécie de “terceira via”: o compromisso de que os partidos comunistas fomentariam a luta armada em um futuro próximo, além de promoverem a solidariedade militante no continente.⁴⁰ Apesar de não convencer satisfatoriamente a plenária, dado o fervor revolucionário e o clima de urgência predominantes, a proposta conciliadora de Arismendi foi um provocador convite ao governo cubano, a que reconhecesse a importância dos PCs na América Latina. Lembremos que em Cuba, dois anos atrás, havia sido constituído o Partido Comunista de Cuba, resultado de um excludente processo de centralização política, conhecido por *depuración*, que aproveitou quadros do partido comunista existente antes da Revolução, mas de uma forma extremamente seletiva, mediante critérios como o grau de fidelidade às diretrizes construídas por Fidel Castro e a submissão ao Movimiento 26 de Julio.⁴¹

Arismendi, por meio de sua postura “conciliatória”, também procurava devolver à OLAS a pecha da intolerância comumente atribuída à velha esquerda. O uruguaio sugeria que os PCs admitiam a luta armada como uma das “alternativas operacionais”, mas cuja execução dependeria das condições de cada país. Essa posição era apoiada por algumas delegações, como a da República Dominicana e a do Chile, essa última

composta majoritariamente por socialistas e comunistas. A vitória da recusa à participação do Partido Comunista venezuelano na OLAS, foi, de alguma forma, um golpe na velha esquerda e no próprio PCU. Um fato político, entretanto, que abordaremos a seguir, contribuiu para minimizar um embate que poderia ter sido muito maior.

Apesar de o Encontro da OLAS ter sido previsto para acontecer entre 31 de julho e 9 de agosto, durou até 11 de agosto em virtude de impasses na redação das teses finais e de um fato político que interrompeu os trabalhos em andamento: a decisão, por parte do governo cubano, de realizar prontamente o julgamento público de dois grupos de “agentes da CIA”, um capturado em 18/07, outro em 06/08. Os grupos eram compostos por cubanos integrantes de milícias contra-revolucionárias. Esse julgamento “oportuno” certamente aproveitava a presença internacional e a grande visibilidade de Cuba no momento. A substituição de sessões plenárias da OLAS por conferências de imprensa televisionadas, nas quais os “traidores” capturados eram interrogados, indica essa intenção. E um nome internacional foi escolhido para ser uma espécie de “mestre de cerimônias” do interrogatório: Rodney Arismendi, na condição de vice-presidente da Comissão de Organização da OLAS. Como vemos, o acontecimento foi incorporado à agenda da OLAS e se transformou em um espetáculo midiático para legitimar o combate ao imperialismo e em alguma medida, ratificar a existência desse inimigo comum (o imperialismo), que se sobrepunha às querelas e tensões entre os grupos de esquerda. Arismendi, nesse sentido, explicou a decisão de que aquele assunto “nacional” estivesse sendo tratado na OLAS,

argumentando que toda a América Latina estaria vivendo uma ameaça semelhante.⁴² O uruguaio, portanto, aceitou desempenhar o papel para o qual foi incumbido e que endossava a “postura conciliatória” já propagandeada.

Ao final de certame, buscou-se uma saída que não agredisse os PCs e o próprio governo soviético: as declarações finais da OLAS afirmaram o repúdio à ajuda técnica e financeira que supostamente alguns “governos títeres” recebiam de “países socialistas”, porém sem identificar a URSS como responsável por tal ação. Ao mesmo tempo, nas mesmas declarações, a OLAS explicitou sua defesa da “violência revolucionária” como a forma mais viável de combate ao imperialismo, afirmando ser o marxismo-leninismo a orientação geral do movimento revolucionário continental. A premissa de que a luta armada deveria ser conduzida por uma vanguarda (e apenas uma), com a qual todas as demais organizações deveriam colaborar e à qual tinham de se submeter, foi inserida no trecho em que se defendia o “mando unificado, político y militar” para garantir a vitória da luta revolucionária⁴³. Sem meias palavras, Fidel Castro, por sua vez, anunciava que os partidos comunistas teriam que, a partir daquele momento, optar pela estratégia soviética “resignando-se aos neo-social-democratas” ou aderir à estratégia aprovada pela OLAS⁴⁴. Em texto assinado por todos os organizadores (inclusive Arismendi) convocava-se todos a lutar pela “segunda independência” da América Latina e prometia-se uma segunda edição daquele encontro para dali a dois anos (o que não aconteceria).⁴⁵

Como pudemos perceber, ainda que tenha se estabelecido um inegável “cabo de guerra” entre partidos comunistas tradicionais e organizações de esquerda pró-luta armada, com clara vantagem para o segundo grupo, as atitudes tomadas pelo governo cubano durante a OLAS procuraram evitar o confronto direto, ao se valer do caso emblemático envolvendo o PC venezuelano para “dar seu recado”, ao convidar nomes importantes dos partidos comunistas mais antigos para contribuir com a condução da OLAS, ao lançar mão do julgamento de contra-revolucionários no meio do certame a fim de conclamar a união das esquerdas e, finalmente, ao optar, nas resoluções do encontro, por um discurso favorável à luta armada mas não excludente.

De toda forma, os embates não seriam solucionados tão facilmente e, no Uruguai, apenas se acirraram após a OLAS.

A “terceira internacional” de Havana e seu impacto no Uruguai

Carlos María Gutiérrez terminou sua cobertura do evento celebrando o fato de a OLAS ter deflagrado a independência das esquerdas latino-americanas em relação a Moscou, realizando uma “terceira internacional”⁴⁶. Também na historiografia encontramos a ideia de que o encontro cubano indicou a disposição daquele governo em afirmar uma “nova internacional”⁴⁷, perspectiva que de fato se vislumbrava à época, mas cujo alcance e sobrevivência nos anos posteriores foram de ordem mais simbólica que institucional, em nossa opinião.

Carlos Núñez também saudou o que chamou de “segunda independência”⁴⁸ e não continha o desprezo pela “orientação soviética”:

em um artigo anterior se apropriara do irônico apelido cubano de “Urso Prudêncio” ao se referir ao premier soviético, Alexei Kosiguin. O apelido provinha do nome de um mascote usado em campanha educativa para melhorar o trânsito de Havana. Os cubanos satirizavam o excesso de “cuidado” soviético em contraste com a “pressa” cubana⁴⁹. E prudência era certamente uma palavra nada em voga: o clamor pela luta armada foi rapidamente endossado pela nova esquerda uruguaia e pelos jornalistas de *Marcha*.

Muitos leitores do semanário, principalmente os simpatizantes do Partido Comunista, reagiram negativamente por meio de cartas, às versões e opiniões dos dois correspondentes. Durante os meses de agosto e setembro de 1967, vemos na Seção “Carta de los lectores” muitos comentários indignados acusando ambos de terem distorcido os fatos ou tomarem partido dessa ou daquela organização. O semanário *Marcha* se defendeu organizando uma conferência de Carlos María Gutiérrez sobre o acontecido⁵⁰. Esse jornalista, já considerado um especialista em assuntos cubanos, lançaria meses depois o livro *En la sierra maestra y otros reportajes*.⁵¹ *Marcha* também publicou uma enquete a jovens de distintas filiações políticas, colhendo suas impressões sobre a OLAS, como forma de demonstrar sua abertura à pluralidade de opiniões.⁵²

Gutiérrez, individualmente, redigiu ainda um artigo- resposta às cartas recebidas, defendendo-se da acusação de ter publicado inverdades⁵³. Nesse texto, acusa o próprio Rodney Arismendi de ter tentado desqualificá-lo como jornalista e “homem de esquerda” ao chamá-lo de “agente da CIA” em seus discursos. O tom de Gutiérrez é bastante

agressivo, a começar pela foto que o ilustra, na qual vemos todos os integrantes da mesa de encerramento da OLAS aplaudindo o final do Encontro, menos Arismendi. A legenda ratificava a crítica: “*La Clausura de la OLAS. Cuando un aplauso es una toma de posición*”. Apesar de reconhecer Arismendi como representante do “partido mais importante da esquerda uruguaia”, Gutiérrez afirmava que ele havia respaldado traidores, votando a favor da ajuda da URSS à oligarquia colombiana, à ditadura brasileira e ao governo chileno. Ao final do artigo, o jornalista provocava afirmando esperar que o PC mudasse, a fim de tornar-se uma vanguarda de verdade e desejando que a união das esquerdas no país fosse construída a partir de um inevitável “diálogo incômodo”.⁵⁴

Na esteira do que já vinha acontecendo antes da OLAS, muitos atos e espetáculos político-culturais de apoio a Cuba se descortinaram na cena montevideana⁵⁵, onde o cinema, principal carro chefe desses eventos passou a ter a companhia cada vez mais frequente da canção de protesto⁵⁶.

Concomitantemente, em agosto e setembro, todas as organizações políticas pretenderam dar sua versão particular do ocorrido na OLAS e auto-celebrar seu próprio protagonismo: o Comité Universitário promoveu a conferência “El Comité Universitario y la revolucion latino-americana”.⁵⁷ Com transmissão da Radio Nacional, o MPU realizou o ato “La OLAS y la realidade nacional”⁵⁸ e o MRO, um “Informe sobre la OLAS”.⁵⁹ O PS também promoveu um “Informe de los delegados del Partido Socialista em la OLAS”⁶⁰ e um desses delegados, José E. Diaz, lançou o livro de pretensioso título: “La verdade sobre la OLAS”⁶¹. O PCU realizou uma conferência de Rodney Arismendi⁶² e organizou, em

seu 47º Aniversário, um ato público para afirmar seu duplo (e ambíguo) vínculo com Cuba e com a URSS⁶³.

As agrupações favoráveis à luta armada chegaram a realizar algumas ações conjuntas após a OLAS. Estas, além de reafirmarem sua opção, buscavam combater a imagem do PCU. Ilustra esse “frentismo” em prol da defesa da opção armada a campanha, em agosto de 1967, de apoio ao ressurgimento do diário *Época*, que havia sido fundado em 1962 e fechado em fevereiro de 1967 por razões financeiras e por divergências internas em seu Conselho Editorial, do qual participavam militantes de distintas organizações de esquerda⁶⁴. Essa campanha teve enorme divulgação nas páginas de *Marcha*. Diversas organizações assinaram um manifesto anunciando a reaparição do diário, e declarando, ainda, terem firmado um acordo por meio do qual minimizavam suas diferenças, uma vez que: “se aceptan las [bases políticas] definidas por la Conferencia de la OLAS, interpretadas por Fidel Castro en su discurso de clausura. La reapertura de *Época* significa, para las organizaciones que realizan este acuerdo, una forma concreta de combatir a favor de la causa por la cual peleó y dio su vida el Che Guevara”⁶⁵.

Após essa campanha, a ainda sob os ecos do anúncio da morte de Che Guevara, *Época* foi reimpresso no dia 7 de dezembro de 1967, mas foi logo fechado em 12 de dezembro pelo governo, com a detenção dos membros de seu Conselho Editorial. Nessa mesma data foi encerrado o semanário socialista *El Sol* e foram colocadas na ilegalidade todas as organizações que haviam assinado o mencionado acordo, publicado em *Marcha*⁶⁶. Vê-se portanto que, nos últimos meses de 1967, já se sentia o

peso do conflito político acirrado entre esquerdas e governo, que, dali pra frente, só se intensificaria, a ponto de algumas organizações praticamente desaparecerem, no ano seguinte⁶⁷. O governo Pacheco Areco, recém empossado, com essa medida de 12 dezembro de 1967, deu início a uma série de outras que promoveriam o estrangulamento das vias democráticas no Uruguai. A essa altura, a euforia coletiva pró-revolucionária que tomara conta do Uruguai por meses, de julho a meados de outubro de 1967, sofrera um grande baque com a confirmação da morte de Che Guevara⁶⁸. Muitos integrantes das organizações que mencionamos, inclusive FIdEL e PCU, deixariam suas fileiras para integrar a luta armada clandestina, especialmente em células e colunas dos Tupamaros. O “frentismo”, a utopia de uma aliança entre as esquerdas tão evocada em *Marcha*, no entanto, ainda teria uma nova chance no país, com a formação da Frente Ampla, em 1970. Mas esse já é um tema que não cabe nessas páginas⁶⁹. No computo geral das avaliações sobre a OLAS, atropeladas pelos acontecimentos que puseram em cheque as chamadas “vias pacíficas” (ações de Pacheco Areco, assassinato de Che), restou a saída pela pronta radicalização da luta política.

Considerações Finais

Nesse breve momento da história uruguaia que recortamos, e que compreende especialmente alguns meses de 1967, pudemos perceber a ascensão da esquerda radical, o impulso conferido por Cuba à luta armada no Uruguai, e as tensões que permeavam a convivência entre essa nova

esquerda e a “tradicional” (representada, nesse contexto, pelo Partido Comunista).

Vimos ainda que tal disputa, ao mesmo tempo em que polarizou diretrizes políticas distintas, foi marcada por uma profusão de eventos muito semelhantes, em termos de política-cultural (atos, mostras de cinema, mesas-redondas, conferências, espetáculos e outras expressões coletivas em apoio a Cuba). Tanto esse turbilhão de efemérides, como a efetiva participação uruguaia no evento cubano contaram com cobertura detalha de um periódico, *Marcha*, que não se isentou de marcar suas posições. Ainda que seus editoriais fossem sempre em defesa das vias legais e democráticas de luta, em favor do *frentismo*, não fazendo qualquer elogio à luta armada, a direção de *Marcha* conferiu grande espaço à nova esquerda e autorizou seus jornalistas a posicionarem-se como simpáticos às opções referendadas pela OLAS. Ao mesmo tempo, deu voz às posições discordantes do Partido Comunista, alvo principal de seus colaboradores naquele momento. Tivemos portanto, nesse período, uma polifonia em *Marcha* muito interessante aos olhos do historiador que tem ali material abundante para acompanhar os debates da esquerda uruguaia.

Percebemos, por fim, o quanto a OLAS e toda a disputa que envolveu sua preparação, seu desenrolar e sua “tradução” para a sociedade uruguaia (pelas organizações políticas e pela imprensa), em um contexto no qual o governo rapidamente se antecipou à intensificação da oposição, instaurando fortes mecanismos repressivos, potencializou a adesão à luta armada, radicalização que levou, em 1971, à instalação do “Estado de guerra interna”, antes do golpe civil-militar.

Notas

* Professora de História da América, coordenadora do Laboratório de Pesquisa de História das Américas (LAPHA) e vice-coordenadora do Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de São Paulo. Publicou, entre outros livros, *Cinema Cubano: revolução e política cultural* (Alameda) e *Polifonia Tropical: experimentalismo e engajamento na música popular – Brasil e Cuba* (Humanitas). Email: marimavi@hotmail.com

¹A revolução cubana motivou cisões irreversíveis e debates candentes sobre a viabilidade da guerrilha nos países latino-americanos. Para citarmos um estudo referente ao Brasil e outro ao Uruguai, ver: SALES, Jean Rodrigues. O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras. (1959 – 1974) Tese de Doutorado. Departamento de História. IFCH. Unicamp, 2005; GIORGI, Ana Laura de. **Las tribus de la izquierda: bolches, latas y tupas en los 60.** Comunistas, socialistas y tupamaros desde la cultura política. Montevideo: Fin de Siglo, 2011.

²Esse artigo é resultado de uma investigação que contou com Auxílio a Pesquisa Fapesp : “As edições *Marcha* e a constituição de um circuito cultural de resistência política frente o acirramento do autoritarismo no Uruguai (1967-1974)”.

³Ainda que se declarasse castrista, Ariel Collazo (liderança do MRO que, no entanto, era presidido oficialmente por Armando Cuervo) não defendia a luta armada no Uruguai, apostando numa via pacífica para se chegar à Revolução e empunhando bandeiras do latinoamericanismo e do terceiromundismo. REY TRISTÁN, Eduardo. **A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973.** Montevideo: Fin de Siglo, 2006, pp. 265-266.

⁴Idem, pp. 93-108.

⁵O Comitê, que existiu entre 1960 e 1973, realizou duas edições do Congreso Nacional de Apoyo a la Revolucion Cubana, (1960 e 1961) e o Congreso Latinoamericano de Solidaridad con Cuba y por la Autodeterminación de los Pueblos (1965). Idem, pp. 77-81.

⁶ACHUGAR, Hugo & CAETANO, Gerardo (orgs). (orgs). *Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?* 3ª ed. Montevideu: Trilce, 1993. 3ª ed. Montevideu: Trilce, 1993

⁷ Os Tupamaros, em seu “Documento número 1”, de junho de 1967, justificam a opção pela guerrilha urbana. Seus integrantes, em testemunhos e registros impressos, manifestavam simpatia pelas ações da guerrilha argelina, pelas estratégias de luta de grupos palestinos e da Organização Nacional de Combatentes Cipriotas (EOKA, movimentos nacionalista que eclodiu no Chipre, nos anos 1950, contra presença inglesa). Ecoam também influências de textos de Mao Tse-Tung e Carlos Mariguela. Idem, pp. 172-173. Para uma visão mais abrangente dessa organização, ver: ALDRIGHI, Clara. **La**

izquierda armada. **Ideología, ética e identidad en el MLN-Tupamaros.** Montevideo: Trilce, 2001.

⁸ A coleção completa de *Marcha* encontra-se na biblioteca digital “Publicaciones Periodicas del Uruguay” disponível gratuitamente em <http://biblioteca.periodicas.edu.uy>. Acesso em 22 de março de 2016.

⁹MARKARIAN, Vania. **El 68 uruguayo. El movimiento estudiantil entre molotovs y música beat.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2012. p. 21.

¹⁰ Para uma análise política das condições que propiciaram o autoritarismo de Pacheco Arco, bem como as características de seu discurso ver PANIZZA, Francisco E.

Uruguay: batllismo y después. Pacheco, militares y Tupamaros en la crisis del Uruguay batllista. Montevideú: Ediciones de la Banda Oriental, 1990, pp. 126-150.

¹¹ Durante o Pachecato, outras Medidas Prontas de Seguridad (MPS) foram decretadas em junho de 1968 e junho de 1969. Posteriormente declarou-se Estado de Guerra Interno (15 de abril a 12 de junho de 1972) e, em seguida, foi decretada a Ley de Seguridad del Estado. REY TRISTÁN, E. Op. Cit. p. 34. Lembremos ainda que em 1968 ocorreu os assassinatos dos estudantes e militantes Líber Arce (agosto), Susana Pintos e Hugo de los Santos (setembro), produzindo grande comoção nacional. MARKARIAN, Vania. Op. Cit, pp. 37-64.

¹² Além dessa postura política ser bastante clara nos editoriais e artigos publicados pelo jornal, vale mencionar que a própria sede do periódico (Rincón, 577) servia como local de reunião e atos em prol dessas causas, envolvendo principalmente a juventude universitária. O Acto del Coordinador Juvenil Unitario Antiimperialista, por exemplo, contou com pronunciamentos de líderes estudantis de diferentes tendências e do jornalista do *Marcha*, Carlos Maria Gutiérrez. “Acto del Coordinador Juvenil Unitario Antiimperialista”, *Marcha* núm. 1338, 20/01/1967, p. 3. Para uma história desse periódico ver REIS, Mateus Fávaro. **Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em *Marcha* e *Ercilla* (Uruguai e Chile, 1932-1974).** Tese de Doutorado em História. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

¹³Um anúncio da Iberia convidava: “Excursión a Cuba. 26 de Julio en La Habana. Una semana en España, veinte días em Cuba.” *Marcha* núm. 1348, 14/04/1967. Esse anúncio se repete por vários números consecutivos até junho de 1967.

¹⁴ “Becas – Universidad de la Amistad de los Pueblos Patricio Lumumba (Moscu-URSS) – Instituto Cultural Uruguayo-Soviético”. *Marcha* núm. 1339, 27/01/1967, p. 27. Além das bolsas, havia pacotes de viagem oferecidos por agências de turismo: “Al cinquentenario e la URSS viajando por Europa”. *Marcha* núm. 1366, 18/08/1967, p. 22.

¹⁵ “Conozca la República Popular China” *Marcha* 1333, 09/12/1966. “45 días en China Popular”. *Marcha* núm. 1354, 27/05/1967, p. 13. “Carlos Machado presenta su libro *Chinos: los más duros y puros*. Instituto Cultural Uruguay-China. “ *Marcha* núm. 1358, 23/06/1967, p. 5. “Sábado. Cine Chino. Instituto Cultural Uruguay-China”. *Marcha* 1351, 05/05/1967. “Mesa Redonda La Revolución Cultural en China. Instituto Cultural Uruguay-China [com participação, entre outros, de Carlos María Gutiérrez e Daniel Vidart, colaboradores de *Marcha*].” *Marcha* núm. 1359, 30/06/1967, p. 5. “Cine Chino. Instituto Cultural Uruguay-China”. *Marcha* núm. 1364, 05/08/1967, p. 4

Projeto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.

¹⁶ “Tres periodistas uruguayos en la R.D.A. Instituto Cultural Uruguay-R.D.A.” *Marcha* núm. 1355, 02/06/1967. “Movimiento Popular Unitario (MPU). Conferencia de Dr. Alberto Caymaris sobre viaje a Bulgaria y RDA.” *Marcha* núm. 1360, 07/07/1967, p. 4. “18º Aniversario de la RDA. Instituto Cultural Uruguay-R.D.A.”. *Marcha* núm. 1372, 29/09/1967, p. 25.

¹⁷ “Gran Festival Cinematográfico 50 Años de Cine Soviético – Cine Conventry.” *Marcha* núm. 1350, 28/04/1967, p. 18. “Festival 50 años de cine soviético. Instituto Cultural Uruguay - URSS” *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967.

¹⁸ São vários os anúncios do MRO nos quais anuncia filmes cubanos, a exemplo de: “10º Aniversario de una heroica gesta cubana. Asalto a Palacio. La juventude del MRO rinde homenaje al líder estudiantil muerto en combate José A. Echeverría. Estreno de dos películas cubanas. Entrada Libre. Hoy, viernes 17, hora 20.” *Marcha*, núm. 1345, 17/03/1967, p. 3.

¹⁹ Multiplicaram-se pela cidade, espetáculos, mostras e exposições. Podemos citar a estréia da peça *La noche de los asesinos*, do cubano José Triana pelo grupo Teatro Universal; o espetáculo teatral *Territorio Libre*, com textos cubanos, e a exposição de cartazes e livros organizados pelo El Galpón; a exposição de gravurista uruguaio premiado pela Casa de las Américas, organizada pela FIdEL; o Festival de la Canción Rebelde; o mural de poemas de Roberto Fernández Retamar com ilustrações de Danny Torres; os saraus de poesia cubana organizados por Ida Vitale, além de diversos lançamentos de antologias de contos, poesias e documentos da Revolução Cubana por editoras uruguaias. “Homenajes al 26 de Julio”. *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967, p. 15.

²⁰ *Marcha* lançou em julho de 1967, os *Cuadernos de Marcha* núm. 3, inteiramente dedicado a Cuba. QUIJANO, José Manuel. “La defensa de la Revolución”. *Marcha* núm. 1340, 03/02/1967, p. 20. NÚÑEZ, Carlos. “Por Debray, por la revolución, por nosotros”. *Marcha* núm. 1353, 19/05/1967, p. 19. GABAY, Marcos. “Debray a la Justicia Militar” *Marcha* núm. 1354, 27/05/1967, p. 23.

²¹ QUIJANO, José Manuel. “Especial para *Marcha*. El Informe Lavalle y la intervención”. *Marcha* núm. 1341, 17/02/1967, p. 22. NÚÑEZ, Carlos. “Relaciones Cuba-EE.UU: la sardina que atraganta al tiburón”. *Marcha* núm. 1352, 12/05/1967, p. 18. NÚÑEZ, Carlos. “Una estrategia para batir al Imperio. La resurrección del Che.” *Marcha* núm. 1354, 27/05/1967, p. 20-21. NÚÑEZ, Carlos. “Cuba: definición clave”. *Marcha* núm. 1357, 16/06/1967, p. 6. GUTIÉRREZ, Carlos María. “El día que quisieron sancionar a Cuba”. *Marcha* núm. 1359, 30/06/1967, p. 15.

²² VITALE, Ida. “Poesía cubana, Eliseo Diego”. *Marcha* núm. 1360, 28/04/1967, p. 31; TRAJTEMBERG, Mario. “Como *haman* los habaneros”. *Marcha* núm. 1351, 05/05/1967, p. 31. SAENZ, Dalmiro. “Cuba, ese país”. *Marcha* núm. 1354, 27/05/1967, pp. 15; 20.

²³ Diversos colaboradores de *Marcha* provinham das fileiras do Partido Comunista Uruguayo, caso de Rodney Arismendi, secretário geral do partido desde 1955 e intelectual respeitado na cena política internacional. “Palestra de Rodney Arismendi: ‘La izquierda uruguaya ante la hora de America’”. *Marcha* núm. 1354, 27/05/1967, p. 2.

²⁴ Ocorrida em Havana em janeiro de 1966, a *Primera Conferencia Tricontinental de Solidaridad Revolucionaria* teve participação de 82 países e criou a Organización de Solidaridad de los *Proyecto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.*

Pueblos de África, Ásia y América Latina (OSPAAAL). Sobre a relação de continuidade entre a OLAS e a Tricontinental, ver MISKULIN, Silvia C. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009, p.151-154.

²⁵ “La Izquierda Uruguaya” e “Cuba: la organización de la solidaridad”, *Marcha* núm. 1334, 16/12/1966, pp. 4; 21-22. São convidados jornalistas de *Marcha*, da revista *Época* e do diário *El Popular*, três publicações reconhecidamente de esquerda, que haviam participado da Tricontinental.

²⁶ Em 22/12/1966, militantes tupamaros que iam realizar um roubo na empresa FUNSA foram parados pela polícia, e, ao tentarem uma fuga, um membro do grupo foi morto. Para conhecer as origens e a composição dessa organização, fruto de alianças e reagrupamentos entre militantes do MRO, MIR, PS e sindicalistas, entre 1962 e 1966, que inicialmente conformaram o grupo *Coordinador* e, em maio de 1965, assumem o nome MLN-T, ver REY TRISTÁN, E. Op. Cit. pp. 108; 123-128.

²⁷ QUIJANO, José Manuel. “Tricontinental y America Latina. En La Habana con Osmany Cienfuegos”. *Marcha* núm. 1338, 20/01/1967, p. 15. Cienfuegos, capitão da FAR e delegado de Cuba na Tricontinental enfatizava que nem sempre os Partidos Comunistas, na América Latina, eram de fato vanguarda revolucionária.

²⁸ Para um mapa das organizações de esquerda no Uruguai que, em 1967, ramificavam-se em 17 legendas distintas, ver REY TRISTAN, E. Op. Cit. pp. 261; 440.

²⁹ Editorial “Gobierno y Oposición”, *Marcha*, 27/01/1967, p. 5. O Editorial, contudo, apontava que FIDEL e outras organizações de esquerda enfrentavam o dilema: revolução ou integração.

³⁰ Mateus Reis enfatiza essa disposição de *Marcha* pelo “frentismo” em alguns momentos importantes, nos anos 1960, como na avaliação das eleições de 1966. REIS, M. Op. Cit. p. 277. A esse respeito, ver também o excelente trabalho: FERREIRA, André Lopes. **A unidade política das esquerdas no Uruguai: das primeiras experiências à Frente Ampla (1958-1973)**. Tese de Doutorado em História. Assis, UNESP, 2011.

³¹ GUTIÉRREZ, Carlos María. “Los oleajes de la OLAS”. *Marcha* núm. 1344, 10/03/1967, pp. 14-15.

³² Idem, p. 15. A composição do comitê foi um assunto tratado especialmente pela Radio Nacional em programa no dia 22 de julho de 1967. “Comité Nacional de la OLAS.CX 30, Radio nacional”. *Marcha* núm. 1362, 22/07/1967, p. 4.

³³ A programação previa múltiplos eventos: conferências de Ariel Colazzo e Armando Cuervo, líderes da organização; exposição sobre Cuba, um Festival de Canción Rebelde, um Festival de Cine Cubano e um ato público, a “Jornada de Solidaridad”, na Praça Libertad. “Semana de Solidaridad con Cuba y la OLAS”; “Festival de Cine Cubano. MRO”. *Marcha* núm. 1360, 07/07/1967, pp. 19; 22; 27. Ver também *Marcha* núm. 1361, 14/07/1967, pp. 3; 21; 26.

³⁴ Enquanto o PS promoveu a “Celebración del asalto al Cuartel Moncada”, com pronunciamentos de José P. Cardoso e Mario Benedetti na “Casa del Pueblo”, uma fração do partido anunciava, para o dia seguinte, a “Conferencia de Apoyo a Cuba y a la OLAS” proferida por Eduardo Galeano, num cinema da cidade, o Cine Astor, que também exibiria trechos de noticiários cubanos. “Apoyo a Cuba y la OLAS” [evento organizado por Partido Socialista, Movimiento del Pueblo, Sectores independientes]; “Celebración *Proyecto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.*

del asalto al Cuartel Moncada. Acto del Partido Socialista”. *Marcha* núm. 1362, 22/07/1967, pp. 21; 22.

³⁵ “Homenajes al 26 de julio”. *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967, p. 15.

³⁶ GUTIÉRREZ, Carlos María. “OLAS: dos líneas, una acción comun”. *Marcha* núm. 1364, 05/08/1967.p. 19.

³⁷Idem. “OLAS: nace una Internacional”. *Marcha* núm. 1365, 11/08/1967, p. 20.

³⁸Idem. “La paradoja de la OLAS”. *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967, p.18-19.

³⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰ NÚÑEZ, Carlos. “La hora de las definiciones”. *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967, p.18-19.

⁴¹VILLAÇA, Mariana. **Cinema Cubano. Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010, pp. 201-209. Sobre o processo de formação do Partido Comunista de Cuba e a chamada “sovietização” do Estado, ver MESA-LAGO, Carmelo. **Dialéctica de la Revolución cubana: del idealismo carismático al pragmatismo institucionalista**. Madrid: Editorial Playor, 1979.

⁴² GUTIÉRREZ, Carlos María. “Los asesinos de la CIA”. *Marcha* núm, 1365, 11/08/1967.

⁴³Idem. “OLAS: nace una Internacional”. *Marcha* núm. 1365, 11/08/1967, p. 21.

⁴⁴Idem “El discurso de Fidel. Mensaje a los neosocialdemocratas”. *Marcha* núm. 1367, 26/08/1967, p. 19-20.

⁴⁵ NÚÑEZ, Carlos. “Una guerra por la segunda independencia” ; “Los estatutos aprobados”. *Marcha* núm. 1365, 11/08/1967, p. 20-21.

⁴⁶ GUTIERREZ, Carlos María. “OLAS: nace una Internacional”. *Marcha* núm. 1365, 11/08/1967, p. 21; GUTIERREZ, Carlos María. “Conversación con Fidel: la Guerrilla en toda América es una sola”. *Marcha* núm. 1366, 18/08/1967, p. 22-23. BOSQUET, Michel. “OLAS: la segunda muerte de Stalin”. *Marcha* núm. 1367, 26/08/1967, p. 21.

⁴⁷TRISTÁN, Eduardo Rey. La organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) y la polémica sobre las formas de la revolución latinoamericana: el caso uruguayo. In: GUTIÉRREZ ESCUDERO, Antonio et al. **Estudios sobre América: siglos XVI-XX**, Sevilla, AEA, 2005, p. 1693.

⁴⁸ NÚÑEZ, Carlos. “Una guerra por la segunda independencia”. *Marcha* Núm. 1365, 11/08/1967, p. 21.

⁴⁹ NÚÑEZ, Carlos. “La hora de las definiciones”. *Marcha* núm. 1363, 28/07/1967, p. 18-19.

⁵⁰ “La OLAS, Nueva Internacional. Una charla de Carlos María Gutiérrez”. *Marcha* núm. 1370, 15/09/1967, p. 5.

⁵¹ “En la Sierra Maestra y otros reportajes”. *Marcha* núm. 1375, 20/10/1967, p. 4.

⁵² QUIJANO, José Manuel. “Los jóvenes y la Conferencia de OLAS” . *Marcha* núm, 1369, 08/09/1967, p. pp. 19; 24; “Con socialistas y democristianos. Los Jóvenes y la Conferencia de la OLAS”. *Marcha* núm. 1370, 15/09/1967, p. 23. QUIJANO, José Manuel. “Los jóvenes y la OLAS”. *Marcha* núm. 1373, 07/10/1967, p. 8. BORRAT, Hector. “Un católico en la OLAS”. *Marcha* núm. 1374, 14/10/1967, p. 13.

⁵³ GUTIERREZ, Carlos María. “Los hechos y los dichos” *Marcha* núm. 1370, 15/09/1967, pp. 20; 22.

-
- ⁵⁴Idem. “Con Rodney Arismendi” *Marcha* núm. 1370, 15/09/1967, p. 21.
- ⁵⁵“Carlos Molina cuenta y canta lo que vio en Cuba”. *Marcha* núm. 1368, 02/09/1967, p. 12. O MRO anuncia exibição de um noticiário cubano sobre a Segunda Declaração de Havana e outros filmes em *Marcha* núm. 1371, 22/09/1967, p. 18.
- ⁵⁶ Simultaneamente ao Encontro da OLAS, ocorreu em Cuba o I Encuentro de la Canción Protesta e a maior delegação de músicos nesse evento, foi justamente a uruguaia. GOMES, Caio de Souza “Por toda américa soplan vientos que no han de parar hasta que entierren las sombras”: antiimperialismo e revolução na canção engajada latino-americana (1967-69) **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.1, p.146-165, 2013.
- ⁵⁷ “El Comité Universitario y la revolución latinoamericana” *Marcha* núm. 1366, 18/08/1967, p. 31.
- ⁵⁸ “La OLAS y la realidade nacional” *Marcha* núm. 1366, 18/08/1967, p. 5.
- ⁵⁹ “MRO Informa sobre la OLAS”. *Marcha* núm. 1371, 22/09/1967, p. 11
- ⁶⁰ Informe de los delegados del Partido Socialista en la OLAS”. *Marcha* núm. 1368, 02/09/1967, p. 5.
- ⁶¹ “Ya salió *La Verdad sobre la OLAS*”. *Marcha* núm. 1372, 29/09/1967, p. 3.
- ⁶² “Rodney Arismendi hablará sobre la conferencia de la OLAS en la cual actuó como vice-presidente”. *Marcha* núm. 1368, 02/09/1967, p. 12.
- ⁶³ “Soluciones si, reacción no!” *Marcha* núm. 1373, 07/10/1967, p. 5.
- ⁶⁴*Época* foi um diário claramente vinculado à nova esquerda (contrário, portanto, às orientações do partido Comunista e um órgão que fazia frente ao jornal El Popular, desse partido) que circulou entre 1962 e 1967. É lembrado na história da esquerda uruguaia, como um espaço de exercício do “frentismo”, que contribuiria, por exemplo, para a formação da Frente Ampla em 1970. Diversas organizações tiveram voz em suas páginas, como MIR, MRO, PS, FAU, inclusive os Tupamaros (ainda que não assinassem como tal). Teve grande proximidade de *Marcha* pois compartilhou editores e colaboradores. *Época* foi inicialmente dirigido (por 3 meses) pelo próprio diretor de *Marcha*, Carlos Quijano, sucedido por Gutemberg Charquero, Eduardo Galeano (também colaborador de *Marcha*) e Guillermo Chifflet. Carlos María Gutiérrez, comentarista político em *Marcha*, integrava o Conselho Editorial de *Época* no momento de seu fechamento, e foi detido com os outros membros, em 1967. REY TRISTÁN, E. Op. Cit, pp. 109-112.
- ⁶⁵Assinam: FAU, “Independientes” [artistas e intelectuais], MAPU (Movimiento de Acción Popular Unitaria), MIR, MRO e PS, “La reaparición de *Época*”. *Marcha*, 17/08/1967 apud REY TRISTAN, E. Op. Cit., p. 118.
- ⁶⁶Idem, p. 119.
- ⁶⁷A exemplo dos grupos MIR, MRO, MAPU e PS. Esses dois últimos foram praticamente desaparecendo da arena pública. Idem, pp. 121-122.
- ⁶⁸ Apesar da morte de Che ter ocorrido em 8 de outubro de 1967, a notícia primeiramente chegou no Uruguai como um boato e foi desacreditada. A edição de *Marcha* de 14 de outubro apresentava com muita desconfiança essa suposta morte, ancorando-se no fato de que a imprensa cubana nada havia confirmado. O número seguinte, em 20 de outubro, já confirmado o falecimento, traz inúmeras homenagens na forma de poemas, *Projeto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.*

testemunhos, e artigos sobre sua vida. “Ernesto Che Guevara y su tarea ininterrumpible”. *Marcha* núm. 1374, 14/10/1967, p. 16-17. ARDAO, Arturo. Nuestro homenaje a Ernesto Guevara”; GALEANO, Eduardo. “Mágica muerte de una vida mágica”; BENEDETTI, Mario. “Consternados, Rabiosos”; GUTIERREZ, Carlos M. “El Che, en lo suyo”; QUIJANO, Jose Manuel. “El pensamiento vivo de Guevara”; RAMA, Angel. “Asumió nuestro destino”. *Marcha* núm. 1375, 20/10/1967, pp 11- 32. NÚÑEZ, Carlos. “Che Guevara: responso y zafarrancho”. DOS SANTOS, Luis Fernando. “Guevara y el Brasil” *Marcha* núm. 1376, 27/10/1967, pp. 18-20; 27. “In memoriam Ernesto Guevara”. *Marcha* núm. 1378, 10/11/1967, p. 29.

⁶⁹Cf: FERREIRA, André Lopes. Op. Cit.